



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

GLEICE PEREIRA DA SILVA

**A QUESTÃO DAS MULHERES NA TRADIÇÃO SOCIALISTA
(SÉCULO XIX E XX)**

Delmiro Gouveia/AL

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

GLEICE PEREIRA DA SILVA

**A QUESTÃO DAS MULHERES NA TRADIÇÃO SOCIALISTA
(SÉCULO XIX E XX)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Aruã Silva de Lima

Delmiro Gouveia/AL

2018

S586q Silva, Gleice Pereira da
A questão das mulheres na tradição socialista (século XIX
e XX) / Gleice Pereira da Silva. - 2018.
30f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico
(Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas,
Delmiro Gouveia, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Aruã Silva de Lima.

1. Socialismo. 2. Mulheres. 3. Direito das mulheres.

CDU 141.8

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Campus Sertão/

UFAL – Delmiro Gouveia



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA



**ATA DA DEFESA PÚBLICA DO TCC DE GLEICE PERERIA DA SILVA, REALIZADA
NO DIA 29 DE JANEIRO DE 2018**

Aos vinte e nove dias do mês de janeiro do ano de dois mil e dezoito, na sala 20 do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, na cidade de Delmiro Gouveia-AL, foi instalada a sessão pública para julgamento do Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pela acadêmica do Curso de História, Gleice Pereira da Silva, matrícula número 12111321, intitulado: "A QUESTÃO DAS MULHERES NA TRADIÇÃO SOCIALISTA (SÉCULO XIX E XX)". Após a abertura da sessão, o Prof. Dr. Aruã Silva de Lima, orientador e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores, o Prof. Dr. Lucas Gama Lima (UFAL) e a Profª. Dra. Carla Taciane Figueiredo (UFAL). Foi dada a palavra à autora, que expôs seu trabalho e, em seguida, ouviu-se a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas da aluna e, em seguida, os comentários da banca. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu aprovar o trabalho com nota dez (10,0). Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem é de direito. Antigo Auditório do Campus Sertão\UFAL, Delmiro Gouveia\AL, 29 de janeiro de 2018.

Prof. Dr. Lucas Gama Lima
Universidade Federal de Alagoas

Profª. Dra. Carla Taciane Figueiredo

Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Aruã Silva de Lima (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas

A QUESTÃO DAS MULHERES NA TRADIÇÃO SOCIALISTA (SÉCULO XIX E XX)

Gleice Pereira da Silva*

RESUMO

Apesar de tratarem-se de fenômenos historicamente distintos, que correm em paralelo na maior parte do tempo, a luta feminina pela emancipação e os ideais socialistas se cruzam em alguns pontos ao longo da história da humanidade. Desses encontros, surgiram diversos avanços para a causa feminista, mas também foram produzidos impasses que persistem até os dias de hoje. Se a contribuição dos socialistas para a questão da mulher é inegável, o alcance da mesma encontra-se ainda em debate em diversos segmentos dedicados a emancipação feminina. O presente artigo busca analisar os encontros e desencontros entre o socialismo e a luta das mulheres pela superação de sua condição de inferioridade frente aos homens durante os séculos XIX e XX. Partindo da ideia da luta de classes e do combate ao capitalismo, analisaremos a trajetória de feministas e socialistas que dedicaram obras ou partes de suas obras à questão da desigualdade feminina e a sua luta por direitos políticos e sociais. Ainda que a tradição socialista não tenha conseguido abarcar toda a problemática e especificidade da questão da mulher, foram os socialistas os primeiros a dedicar análises mais profundas à situação de inferioridade e opressão a que estavam submetidas as mulheres na sociedade burguesa.

Palavras chave: Mulheres. Socialismo. Luta de classes. Emancipação. Direito das mulheres.

* Graduanda de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, 2018. Contato: gleiceps1@hotmail.com

THE QUESTION OF WOMEN IN THE SOCIALIST TRADITION (19th and 20th CENTURIES)

ABSTRACT

Although they deal with historically distinct phenomena that run in parallel most of the time, the women's struggle for emancipation and socialist ideals intersect at some points throughout the history of humanity. From these encounters, several advances have been made for the feminist cause, but also impasses have been produced that persist to this day. If the contribution of socialists to the issue of women is undeniable, the scope of the same is still under discussion in several segments dedicated to women's emancipation. This article seeks to analyze the meetings and disagreements between socialism and the struggle of women to overcome their condition of inferiority towards men during the 19th and 20th centuries. Starting from the idea of the class struggle and the fight against capitalism, we will analyze the trajectory of feminists and socialists who have dedicated works or parts of their works to the question of female inequality and its struggle for political and social rights. Although the socialist tradition failed to address the whole problematic and specificity of the issue of women, it was the Socialists who first devoted themselves to deeper analysis of the situation of inferiority and oppression to which women were subjected in bourgeois society.

Key words: Women. Socialism. Class struggle. Emancipation. women's rights.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre as mulheres e o socialismo, ao contrário do que muitos acreditam, é historicamente antiga e perpassada por conflitos. Os socialistas foram e ainda são alvos de inúmeras críticas daqueles que acreditam que pouca ou nenhuma atenção foi dada à questão da mulher na perspectiva do socialismo. O fato é que para os socialistas a emancipação da mulher era considerada de menor importância e estava inserida numa problemática muito maior, a da luta de classes. Mesmo quando reconheciam a opressão sofrida pelas mulheres eles acreditavam que ela teria fim junto com derrocada do capitalismo. Sendo assim, o maior inimigo da mulher era o sistema econômico de produção e não a situação de exclusão social e política a qual estavam diariamente submetidas as mulheres no seio do patriarcado.

Nesse artigo pretendemos analisar a relação entre as mulheres e o socialismo, seus encontros e desencontros, avanços e impasses. Nossa análise se inicia a partir de meados do século XIX, com a abordagem dos chamados socialistas utópicos sobre a questão feminina, em seguida veremos com Marx, Engels e Bebel trataram do tema e como as mulheres socialistas percebiam e lidavam com a sua condição de militantes socialistas. Também abordaremos os avanços do pós-revolução, a partir de 1917, até a ascensão de Stalin e seus retrocessos. Dedicaremos o último tópico à relação das mulheres brasileiras com a luta socialista.

1.1 O SOCIALISMO UTÓPICO

Mesmo em tempos remotos, quando a burguesia pouco fazia pela questão da mulher, foram os socialistas que encararam a situação para além do conservadorismo e das teorias sobre a total incapacidade feminina. Em um período de forte anseio emancipatório feminino alguns socialistas se mostraram um pouco mais sensíveis às causas femininas e as suas lutas. Segundo Saffioti:

Todo socialismo, quer na sua forma utópica, quer na sua expressão científica, tentou mostrar à mulher os caminhos de sua libertação. Já Saint-Simon empreendera embora timidamente, a defesa da mulher. A libertação da mulher lhe parecia um dos aspectos da evolução normal da sociedade, não se podendo conceber o estado social do futuro sem a correlata emancipação feminina.¹

Segundo a autora marxista, Saint-Simon, não se insurgia contra o casamento, como fizeram os socialistas posteriormente, pelo contrário, ele acreditava que a mulher conquistaria sua igualdade a partir do seio familiar. Mesmo com sua visão limitada da situação da mulher e com a timidez de suas propostas, foi Saint-Simon e seus seguidores os primeiros a esboçar uma ideologia de libertação da mulher², fato que se deu ainda no começo do século XIX.

Outro socialista utópico, Charles Fourier, também demonstrou interesse pela questão feminina e foi mais longe em suas formulações. Segundo ele, a mulher deveria estar em plena igualdade social com os homens. Criticando de forma radical a sociedade burguesa e a posição de inferioridade à qual a mulher estava submetida, ele reconhecia que uma sociedade e os próprios homens só eram emancipados quando as mulheres estavam em igualdade com a parcela masculina da população³.

A mulher, segundo Fourier, deve ser plenamente integrada nos seus direitos, que não eram outros além daqueles inerentes ao livre desenvolvimento do seu ser. A igualdade entre homens e mulheres não devia ser apenas jurídica, mas tinha que ser realizada, também no plano dos costumes. O sistema de educação deveria ser o mesmo para homens e mulheres porque a separação nos primeiros anos de vida é fator determinante do atual “mal social.”⁴

Porém, socialistas utópicos, como Fourier, Saint-Simon e Owen, considerados os percussores do socialismo, não viam a situação da mulher de maneira específica, mas sim dentro

¹SAFFIOTI, Heleieth. A Questão da Mulher na Perspectiva Socialista. In: **Lutas Sociais**, São Paulo, n.27, p.82-100, 2o sem. 2011.p. 82.

² Ibid., p.82-83

³ BUONICORE, Augusto César. “As Mulheres e a Luta socialista.” IN:MACIEL, David. (org.). **Revolução Russa: Processos, personagens e influências**. Goiás. Centro Popular de Estudos Contemporâneos, 2007.

⁴ ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.p.11

de um todo, acreditavam que para o surgimento de uma nova sociedade era necessário transformar o papel social da mulher. A condição de opressão a que estavam submetidas as mulheres de todas as classes sociais, era vista por eles como um “empecilho” para o surgimento de uma sociedade racional e humanamente desenvolvida. Acreditavam que a situação de opressão feminina fazia parte do obscurantismo da sociedade burguesa, que deveria ser substituída por uma nova organização social pautada na igualdade e racionalidade. Dessa forma, buscar a igualdade entre homens e mulheres era no mínimo uma crítica a sociedade burguesa baseada na exploração dos mais fracos pelos mais fortes.

Hoje, olhando para trás e examinando todas as posições surgidas em defesa da mulher e inserindo-as no contexto histórico em que foram elaboradas, podemos dizer que todas elas, em geral, foram bastante avançadas para a sua época. As vezes foram até mesmo revolucionárias. Mas, nenhuma delas sabia localizar acertadamente as raízes mais profundas das desigualdades das mulheres e indicar o caminho mais geral de sua libertação⁵.

Ainda no século XIX, Pierre Joseph Proudhon, um destacado socialista, considerado o pai do anarquismo, tinha uma visão diferente da situação feminina na sociedade. Contrário à concessão de direitos políticos às mulheres ele se colocava claramente contra as reivindicações políticas e sociais das mulheres de seu tempo por considerá-las seres inferiores aos homens. Apesar da ideologia anarquista pregar a liberdade e o fim das explorações de classe, o socialista em questão, não se mostrou sensível a exploração desmedida a que estavam submetidas as mulheres. Na verdade, Proudhon se mostrou um verdadeiro reacionário da causa feminina criticando abertamente aquelas que lutavam por igualdade, reconhecimento social e participação em campos até então considerados exclusivamente masculinos.

Dedicou seu “A Pornocracia ou as mulheres nos tempos modernos” para desqualificar escritoras da época que, em oposição às suas ideias, buscavam direitos negados ao gênero. Afirmando querer dignificar a mulher, Proudhon defende diversas ideias que vão desde a necessidade de a mulher permanecer exclusivamente no espaço doméstico como mantenedora afetuosa do lar até a defesa apaixonada de uma suposta inferioridade não apenas na constituição física, como intelectual das mulheres. Reforça a ideia das diferenças entre os gêneros, atribuindo ao masculino a qualidade da força e intelectualidade e ao feminino a beleza⁶.

Infelizmente, o pensamento de Proudhon, constitui uma regra e não uma exceção das ideias de sua época. Nesse período, as categorias masculino e feminino eram vistas basicamente

⁵ Ibid., p.13

⁶ PENNA, Mariana Affonso. O Anarquismo e a questão das mulheres. In: **Revista Espaço Acadêmico**-n.196-Set/2017. p.14-27-mensal-ano XVII.p.17

por termos biológicos. Ser homem era ser racional e forte, ser mulher era ser emocional e fraca. O meio social a que estavam submetidas as mulheres pouco tinha a ver com a sua eterna “infantilidade”: ser imatura era uma condição inata das mulheres. Por isso, as mulheres não poderiam assumir espaços sociais de destaque, deviam ficar sempre relegadas ao lar, onde poderiam reinar, até certo ponto, é claro, pois as decisões mais importantes ainda deveriam passar pelo aval do homem da casa. Numa clara hierarquização sexual, as mulheres apareciam sempre dependentes de uma figura masculina, quando solteiras dependiam de seus pais e irmãos, quando casadas a dependência e obediência era transmitida a figura do marido.⁷

Já Flora Tristan representa uma das poucas mulheres de seu tempo lembradas até os dias de hoje por buscar conexões entre a situação de opressão vivenciada pelas mulheres e o sistema de classes burguês. Nascida no ano de 1803, em Paris, foi uma militante operária, escritora e feminista, dedicou algumas de suas obras à questão da mulher e a opressão sofrida pelos trabalhadores no sistema capitalista.⁸

Flora Tristan acreditava que a luta das mulheres por emancipação estava intrinsecamente ligada à luta do proletariado pelo fim da exploração de classes. Denunciadora das difíceis condições enfrentadas pelas mulheres, Flora exigia tratamento igualitário para as mulheres, direito ao divórcio, direito à educação, direito ao trabalho em condições humanas, e o direito de participar ativamente das organizações operárias. Em 1843 ajudou a fundar a União Operária, órgão que esperava que desse voz e igualdade às trabalhadoras do sexo feminino.

Segundo a pesquisadora feminista Zuleika Alambert, apesar do socialismo ainda se encontrar em estágios iniciais, Flora Tristan já conseguia perceber algumas contradições internas entre o movimento emancipatório feminino e a luta proletária pelo fim da exploração entre as classes sociais. Os direitos pelos quais lutava eram somente atenuantes da condição precária das mulheres e mudar somente o viés econômico não era suficiente para a plena emancipação feminina. “Costumava dizer que o homem mais oprimido pode oprimir um outro ser que é a sua mulher. Ela é a proletária do proletário”⁹.

Além de Flora Tristan foram poucas as representantes do sexo feminino que deixaram algum legado sobre as relações entre as mulheres e o socialismo em meados do século XIX. Não acreditamos que essas mulheres não tenham existido, pelo contrário, sabemos que o

⁷ PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 332p

⁸Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Flora_Tristan acessado em 22 de jan. de 2018.

⁹ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo:** O ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.p.12

silenciamento historiográfico a que as mulheres foram submetidas dificulta os estudos sobre suas trajetórias políticas. Segundo Perrot, existe uma variedade de discursos e imagens sobre as mulheres do século XIX, ou sobre como elas deveriam agir, porém a existência concreta da mulher despertou pouco interesse. “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”¹⁰.

De maneira geral, quando as mulheres aparecem no espaço público, os observadores ficam desconcertados; eles as veem em massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, de donas-de-casa, de guardiãs dos víveres etc. Usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las. Os comissários de polícia falam de "megeras" ou de "viragos" (mulheres de aspecto e atitudes masculinizadas) para designar as manifestantes, quase sempre taxadas de "histéricas" caso soltem o menor grito. A psicologia das multidões empresta a estas uma identidade feminina, suscetível de paixão, de nervosismo, de violência e mesmo de selvageria¹¹.

As imagens construídas no século XIX sobre as mulheres manifestantes não são nem um pouco lisonjeiras. Enquanto os homens eram vistos como revolucionários racionais, as mulheres eram descritas pelos policiais e agentes do Estado como histéricas, irracionais e desorganizadas. Suas lutas se restringiam a questões como carestia dos alimentos, falta de moradia, dificuldade ao acesso de determinados serviços, etc., quando conseguiam o que queriam voltavam para suas casas e seguiam suas rotinas de donas de casa. Já os homens lutavam de maneira organizada e racional, buscando o bem comum de toda a classe operária¹².

Como vimos as relações entre as mulheres e o socialismo são antigas. Mesmo que abordada de forma tímida e incompleta, a questão da mulher já estava presente nas ideologias dos socialistas utópicos. Para muitos pesquisadores e pesquisadoras, as mulheres ainda eram muito discriminadas no meio das organizações socialistas desse período, deixadas às margens das decisões importantes, possuíam um papel secundário. Segundo a historiadora Wendy Goldman a ideia de independência das mulheres, seja no campo econômico, social e sexual, era ainda subdesenvolvida entre os utópicos, porém eles se distanciavam da visão recorrente da época sobre a situação da mulher, que ainda estava sendo inserida no mercado de trabalho assalariado fora do lar¹³.

¹⁰ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** [tradução Ângela M. S. Côrrea]. — São Paulo: Contexto, 2007.p.22

¹¹ Ibid., p.21

¹² PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 332p.

¹³ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936**/. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014. 399p.

As ideias do socialismo utópico tomaram forma dentro de um mundo onde a família estava em transformação e as mulheres ganhando uma nova independência econômica. As lutas operárias para aceitar o trabalho feminino deram um enorme impulso para movimentos em prol da igualdade feminina, assim como para uma visão socialista acerca da libertação das mulheres¹⁴.

1.2 O SOCIALISMO CIENTÍFICO

Apesar do caráter superficial da abordagem dos socialistas utópicos, foram eles os responsáveis por fincarem as raízes de um pensamento muito mais elaborado em relação à questão da mulher. Influenciados pelos utópicos, Marx e Engels, ainda jovens, começam a dedicar alguns trechos de suas obras à questão da mulher e de sua emancipação. Porém, nesses trabalhos iniciais, os jovens socialistas ainda não conseguem atingir com clareza o cerne da questão de opressão a que está submetida a parcela feminina da sociedade. Em “*A Situação Da Classe Trabalhadora na Inglaterra*” publicado em 1844, Engels aborda os efeitos negativos do capitalismo sobre a família, segundo ele a introdução de maquinário nas fábricas era muito danosa para as mulheres e mães, pois elas passavam horas trabalhando nas fábricas e conseqüentemente “abandonavam” seus filhos causando a destruição das famílias. “Engels enxergava esse processo como parte inevitável do desenvolvimento econômico, mas foi incapaz de ir além de uma furiosa condenação da exploração do trabalho feminino.”¹⁵

Durante as transformações do século XIX, quando a mulher começa a assumir vagas no mundo de trabalho fora do lar, são comuns as reações negativas e antifeministas do proletariado, que assim como Engels em seu livro citado, consideravam que a saída da mulher do lar destruiria as famílias e causaria a diminuição dos salários dos homens, podendo provocar até mesmo uma inversão dos papéis sociais de homens e mulheres. A divisão sexual do trabalho deixava claro o papel do homem e da mulher. Enquanto homens assumem posições de produtores, as mulheres assumem os papéis de reprodutoras.¹⁶

Em *A Ideologia Alemã*, de 1846, Marx e Engels já trabalhando juntos, aprofundam um pouco mais suas análises sobre a situação de opressão sofrida pelas mulheres. Com uma visão mais aguçada da situação feminina, começaram a questionar a divisão sexual ou “natural” do trabalho. Sugerindo que a família é mais que um “conceito abstrato” de relações naturais¹⁷.

¹⁴ Ibid., p.46.

¹⁵ Ibid., p.50.

¹⁶ HIRATA, Helena... [et al.] (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p.67.

¹⁷ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936**. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014 p.51.

Segundo eles, a família, possui características naturais, históricas e sociais, que podem ser transformadas de acordo com o modo de produção vigente.

Isto significa que, para Marx e Engels, o estudo da família e suas funções só pode ser corretamente feito se o concebermos como uma decorrência lógica do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, em cada etapa da sociedade humana. Pois para eles a cada tipo de sociedade corresponde um determinado tipo de família, que se modifica na forma, nas relações internas, nas funções e objetivos, com as modificações que ocorrem nos modos de produção¹⁸.

Por isso, para muitos pesquisadores e pesquisadoras da obra marxista, como Saffioti, por exemplo, Marx não propõe o fim da família, mas sim “denuncia a incompatibilidade entre a família que observa e o trabalho da mulher fora do lar” no sistema capitalista.¹⁹ Segundo Marx, o capitalismo possibilitara o surgimento de um novo tipo de família e um novo papel social será atribuído às mulheres e aos jovens. Condenando a família burguesa como fruto da corrupção e adultério, Marx acusa o burguês de tratar a mulher como simples instrumento de produção²⁰. Em contrapartida a corrupção da família burguesa, a família proletária se une por meio de laços reais de afetividade, despossuídos de bens materiais, os pobres se unem em nome do “amor verdadeiro” e não baseados em interesses financeiros.

Porém, ao aliar relações naturais e sociais a sua concepção de família, Marx e Engels acabaram por criar uma contradição em “*A Ideologia Alemã*”.

A contradição se expressava mais claramente em seu esforço para formular uma explicação teórica e histórica para a opressão às mulheres. Segundo Marx e Engels, a divisão social do trabalho na tribo era essencialmente “uma extensão da divisão natural existente na família”. Nesse período tribal inicial, prevalecia uma divisão natural ou biológica do trabalho, baseada nas diferenças biológicas entre homens e mulheres ou, mais especificamente, na função maternal das mulheres²¹.

Segundo Marx e Engels, as mulheres foram a primeira forma de propriedade privada, pertenciam aos homens e a opressão que sofrem desde de tempos tribais vem da desigualdade na divisão natural do trabalho dentro da unidade familiar. Essa teoria entra em choque com as explicações de Marx e Engels sobre o papel social e histórico da família. Nesse caso, as

¹⁸ ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986 p.20.

¹⁹ SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classe**: Mito e realidade. Petrópolis (RJ): Vozes, 1976.

²⁰ Ibid., p.86.

²¹ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução**: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936/. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014 p.51.

mulheres vêm sendo exploradas desde os primórdios e sua libertação e o surgimento de um novo tipo familiar parece difícil de ser alcançado.

Essa divisão do trabalho, que implica todas essas contradições, e repousa por sua vez na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em famílias isoladas e opostas umas às outras- essa divisão do trabalho encerra ao mesmo tempo a repartição do trabalho e de seus produtos, distribuição desigual, na verdade, tanto em quantidade quanto em qualidade. Encerra, portanto, a propriedade, cuja a primeira forma, o seu germe, reside na família onde a mulher e os filhos são escravos do homem. A escravidão, certamente ainda muito rudimentar e latente na família, é a primeira propriedade, que aliás já corresponde perfeitamente aqui à definição dos economistas modernos segundo a qual ela é a livre disposição da força de trabalho de outrem²².

A contradição presente em “*A Ideologia Alemã*” não diminui a importância dessa obra para as lutas feministas a partir de um viés socialista, pelo contrário, representa uma guinada na posição dos socialistas em relação a condição da mulher e a divisão do trabalho, que na maioria das vezes onera a mulher e a impossibilita de desfrutar de uma plena inserção no campo do trabalho produtivo, ficando a mulher condenada ao lar e ao trabalho doméstico, pouco ela poderá fazer para a transformação dos meios de produção, sendo assim, somente com a criação de espaços para a socialização das atividades domésticas e a criação de uma economia comunal seria possível a libertação feminina. Marx e Engels reafirmaram em trabalhos posteriores suas concepções em relação a situação feminina, mas segundo a historiadora Wendy Goldman as contradições presentes em “*A Ideologia Alemã*” só começaram a ser solucionadas quarenta anos depois, quando Engels publica a obra “*A Origem Da Família, Da Propriedade Privada, e do Estado*”.

Em seu livro publicado em 1884, Engels vai além das formulações de seus trabalhos com Marx, e tenta encontrar as origens do patriarcado através de um olhar etnológico e antropológico sobre a formação da família. Segundo ele, a desigualdade dos sexos representava um dos primeiros antagonismos entre os humanos e coincide com o primeiro antagonismo de classe²³.

A herança, que é a chave para o seu exame econômico, foi primeiro de linha materna, mas, com o aumento da riqueza, tornou-se de linha paterna. Este foi o maior retrocesso da mulher, considerado isoladamente. A fidelidade da mulher se torna essencial e a monogamia é irrevogavelmente estabelecida. A esposa na família comunística,

²² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.27.

²³ MITCHELL, Juliet. Mulheres: A Revolução Mais Longa. **Revista Gênero**. Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 203-232, 1. - 2. sem. 2006 p.206.

patriarcal, é um servidor público, com a monogamia ela se torna um servidor particular.²⁴

Dessa forma, a emancipação feminina passaria pela inserção das mulheres no trabalho social produtivo e pela socialização do trabalho doméstico²⁵. Ao reconhecer a importância da reprodução para o processo histórico, Engels percebeu que “a organização social de cada período específico, foi determinada não somente pela divisão do trabalho, mas também pela forma da família”²⁶.

Em sua obra Engels procura analisar a família desde seus primórdios, desde seus tempos tribais até a formação da família moderna e burguesa. Segundo ele, no princípio existia uma irrestrita liberdade sexual e os casamentos se davam em grupos. Com o surgimento do tabu do incesto, o casamento grupal passou a ser lentamente substituído por uma nova formação familiar. As formas de se relacionar em grupo foram cedendo espaço ao casamento monogâmico, se a princípio a descendência era matrilinear, e as mulheres conservavam um certo prestígio, na nova organização a descendência é paterna²⁷.

De acordo com Engels, a mudança crítica na posição das mulheres ocorreu como resultado da domesticação dos animais e do desenvolvimento da agricultura. Uma vez que o trabalho humano começou a produzir excedente sobre os custos de sua manutenção, a escravidão surgiu. Os homens, que sempre dominaram os instrumentos de produção, substituíram seus arcos e flechas por gado e escravos. Porém, um homem ainda era incapaz de transferir propriedade para seus filhos. Ao morrer, sua propriedade voltava para seus irmãos e irmãs ou para os filhos de suas irmãs. O desenvolvimento da propriedade privada exigia que o “direito materno” fosse abolido²⁸.

Como vemos, segundo Engels, a exploração a que estão submetidas as mulheres está intimamente ligada ao surgimento da propriedade privada e se agravou no modo de produção capitalista. A mulher passa a ser vista como uma “servente do lar” e sua sexualidade é reprimida e controlada pela família e pelo Estado. Em “*A Origem Da Família, Da Propriedade Privada, e do Estado*” temos formulações mais elaboradas da questão familiar e conseqüentemente das questões relacionadas à mulher, porém, não devemos reduzir a opressão que sofrem as mulheres

²⁴ Ibid., p.206.

²⁵ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884).

²⁶ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936**/. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014 p.58.

²⁷ Ibid., p.59-60.

²⁸ GOLDMAN, Wendy Z. *Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936*/. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014 p.59.

somente a causas econômicas e ao surgimento da propriedade privada. Mesmo em sociedades socialistas se perpetuam as condições de exploração das mulheres e mesmo entre o proletariado a aceitação dos escritos de Marx e Engels em relação à questão feminina encontrou resistências. Fato que deve ser realçado é que nenhum dos teóricos dedicou nenhuma de suas obras especificamente à questão da mulher, elas aparecem como consequências dos estudos sobre a família, porém as contribuições dos estudos marxistas para a elaboração da teoria feminista são indiscutíveis.

August Bebel (1840-1913), um socialista alemão, seguidor de Marx e Engels, foi primeiro socialista a desenvolver um trabalho voltado para a questão da mulher. Com o título de "*A mulher e o socialismo*".

A obra foi publicada inicialmente no ano de 1879 e representou um marco para os estudos da questão da mulher e seus desdobramentos sociais. Publicado em diversos países e traduzido para vários idiomas, a obra se tornou um trunfo da luta feminista proletária, inspirando as mulheres comunistas de toda a Europa. Discípulo declarado dos fundadores do marxismo, a obra de Bebel segue a mesma linha das concepções de Marx e Engels, que veem a questão da opressão a que estão submetidas as mulheres como fruto do entrelaçamento de questões econômicas e sociais.

O livro abordava toda a história das mulheres, desde a sociedade primitiva até o presente, incluindo material sobre o drama grego, esposas atenienses e cortesãs, cristianismo, Idade Média, Reforma, século XVIII e sociedade industrial. Ao contrário do trabalho posterior, A origem da família, da propriedade privada e do Estado, Bebel oferecia pouca análise teórica. Sua crítica era essencialmente moral, centrada nos males e na hipocrisia da sociedade burguesa²⁹.

A obra é na verdade inovadora, não só por ser dedicada especificamente à questão da mulher, mas também por seu interesse em questões relacionadas a sexualidade, sobretudo a feminina, que até os dias de hoje, ainda é para muitos um tabu. Bebel escreveu sobre os “impulsos sexuais” como sendo naturais aos seres humanos, segundo ele a busca pelo prazer sexual é tão natural quanto a necessidade de matar a sede ou saciar a fome³⁰. Dessa forma as mulheres, tão reprimidas como eram, deveriam ter um pleno conhecimento de anatomia e da fisiologia humana, só assim elas exerceram de modo satisfatório e saudável a sua sexualidade³¹.

²⁹Ibid., p.57.

³⁰ Ibid., 57-58.

³¹ ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986. p.41.

Bebel também condenava a ideia burguesa e conservadora de casamento. O casamento ao estilo burguês, ou seja, segundo ele baseado na propriedade e monogamia, era uma instituição inalcançável para a maioria da população e perpetuava a dependência financeira da mulher em relação ao marido além de favorecer a prostituição e o surgimento de doenças físicas e emocionais³². Bebel também acreditava no inevitável fim da família burguesa, e na emergência de um novo tipo de família, baseada no afeto real e na igualdade entre os sexos. Essa família, surgiria de uma revolução social, onde as mulheres desempenhariam papel fundamental.

Para Bebel, assim como para Marx e Engels, a exploração feminina é fruto de questões sociais. Segundo ele a mulher foi o “primeiro ser humano a sofrer a escravidão”. Desde o início dos tempos a mulher tem sofrido uma situação de dependência e subalternidade em relação aos homens, segundo o autor esse fato nasce também de características biológicas, como a função reprodutora das mulheres, que as colocam em situação de desvantagem social e de dupla exploração, pois além de sofrer a exploração de classe, sofrem também as “penalidades impostas pela sociedade patriarcal a todas as mulheres”³³. A superação dessa situação, se dará quando as mulheres se organizaram e lutaram elas próprias por uma sociedade igualitária e pelo fim da burguesia e das opressões de gênero e de classe.

1.3 MULHERES SOCIALISTAS

As obras de Marx, Engels e Bebel exerceram um papel fundamental no seio do proletariado europeu e mesmo entre os intelectuais socialistas. No final do século XIX as mulheres estavam sendo inseridas no mercado de trabalho, porém a participação feminina em campos até então considerados redutos masculinos, não era vista com bons olhos por boa parte do proletariado masculino. Muitos consideravam que o lugar da mulher era no lar e que a inserção feminina no mercado de trabalho tornava ainda mais precárias as condições de trabalho. As obras progressistas dos três intelectuais eram vistas por alguns como incentivadoras da promiscuidade e da anarquia sexual. O fato é que eram tempos de muito conservadorismo e mesmo entre grupos mais progressistas a questão da mulher e da livre sexualidade ainda eram encaradas como tabu. O movimento feminista começava a se articular e o antifeminismo buscava respaldo na ciência para comprovar a inferioridade da mulher. Dessa

³² Ibid., p.41.

³³ SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classe: Mito e realidade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1976.

forma as obras de Engels e Bebel desempenharam entre o proletariado o papel de divulgador da causa feminina e inspiraram milhares de mulheres em toda a Europa a unir forças aos socialistas, um dos poucos grupos do período interessado na questão da mulher.

Entre as mulheres, o nome de maior expressão é o da comunista alemã Clara Zetkin (1857-1933). Zetkin possuía um lugar de destaque no movimento social democrata alemão. Defensora dos direitos das mulheres, seu trabalho era voltado para atividades entre as mulheres e pela defesa da plena participação das mulheres no mercado de trabalho e nas organizações operárias. Lutadora inteligente e ardorosa exigia salário igual para homens e mulheres, mesmo em um período onde o proletariado e os socialistas exigiam o chamado salário familiar, “Zetkin achava essa demanda fútil.”³⁴ Segundo ela homens e mulheres deveriam se unir e exigir dos empregadores salários iguais. Considerava que o trabalho assalariado era pré-requisito fundamental para a emancipação feminina, mesmo que parcial, pois segundo ela, a mulher trabalhadora se tornava refém do capitalista.

Zetkin foi reconhecida como uma grande oradora do partido socialdemocrata alemão e fez um famoso discurso no Congresso de Fundação da Segunda Internacional em 1889. Em sua fala buscava atrair e mobilizar as mulheres para o movimento comunista e para a luta contra a dupla opressão a que as mulheres estavam submetidas. As obras de Engels e Bebel eram a base do pensamento de Zetkin, mas ela partia da premissa da mudança de papéis sociais femininos como advento da industrialização. Se antes o papel de produtora dentro da família era importantíssimo, com a industrialização e a produção de bens em larga escala ele se torna desnecessário. A mulher então, perde parcialmente sua posição no lar e passa a assumir uma posição nos meios de produção industriais, com isso ela passa a ter uma dupla jornada de trabalho, uma na fábrica e outra no lar. A solução para essa situação da mulher, segundo Zetkin, seria a socialização do trabalho doméstico e dos cuidados com os filhos, deixando livre a mulher para se dedicar a atividades produtivas e sociais.

No ano de 1907, no Congresso da Segunda Internacional, Zetkin teve um papel de destaque representando as mulheres na Primeira Conferência Internacional das Mulheres Socialistas. Em seu discurso conclamou os partidos socialistas a se unirem na luta pelo sufrágio universal feminino. Nesse período, as feministas da Europa também estavam em forte agitação exigindo o sufrágio feminino. No entanto, Zetkin deixa claro que a luta feminina socialista vai

³⁴ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução**: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936/. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014 p.61.

muito além do direito ao voto, como exigem as feministas burguesas³⁵. As socialistas não queriam aliar sua luta à luta das feministas, pois consideravam o feminismo um movimento burguês.³⁶

Zetkin foi a primeira a situar a opressão às mulheres dentro de uma compreensão mais sutil de classe. Essencialmente, postulou uma “questão da mulher” diferente para cada classe na sociedade capitalista. Mulheres de classe alta se preocupavam principalmente com a liberdade de administrar sua própria propriedade. Mulheres de classe média, com educação formal, buscavam treinamento e oportunidade de empregos [...] Mulheres proletárias, forçadas a trabalhar para complementar a renda de suas famílias, defendiam seus interesses unindo-se aos homens para lutar por melhores condições de trabalho para ambos os sexos³⁷.

O Congresso de 1907 concomitante com a Primeira Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, representou um importante marco da luta das mulheres socialistas. Nessa conferência foram debatidos e ratificados vários direitos das mulheres e como os partidos deveriam lidar com a questão feminina, porém, na prática pouco foi feito pelos partidos e a Segunda Internacional demonstrou pouco interesse em exigir que os partidos realizassem trabalhos entre as mulheres. Dessa forma, as mulheres continuaram às margens das organizações e partidos socialistas e acabaram criando organizações autônomas.

Zetkin dedicou a vida à causa socialista e à causa das mulheres. Além de participar ativamente da socialdemocracia alemã também foi responsável pela redação de um órgão de imprensa feminina do partido, lutou ativamente entre os socialistas pelo sufrágio universal feminino, organizou as mulheres para a luta, defendeu a realização de um dia Internacional das Mulheres, participou da fundação em 1920 da Internacional das Mulheres.

Porém, a trajetória política de Zetkin dentro do SPD não foi fácil. Infelizmente nem todos os homens viam com bons olhos a participação feminina na luta política, que crescia a olhos vistos nas organizações femininas. O posicionamento contrário à entrada da Alemanha na 1ª Guerra Mundial agravou ainda mais a situação da militante dentro do partido. Zetkin alheia as diretrizes do partido organizou em 1915 uma Conferência de Mulheres Socialistas em

³⁵ BUONICORE, Augusto César. “As Mulheres e a Luta socialista.” IN:MACIEL, David. (org.). **Revolução Russa: Processos, personagens e influências**. Goiás. Centro Popular de Estudos Contemporâneos, 2007. p.05.

³⁶ Segundo as mulheres socialistas os interesses das feministas divergiam dos interesses das mulheres proletárias. Enquanto as trabalhadoras lutavam por melhores condições de trabalho, moradia e educação, as feministas consideradas burguesas queriam ter acesso a educação superior, liberdade sexual e direito à propriedade.

³⁷ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936**/. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014p.63.

Berna (Suíça), convocando as mulheres a luta contra a guerra imperialista, esse fato culminou com a ruptura definitiva entre a militante e o partido³⁸.

Terminada a guerra, Zetkin abandonou o SPD para filiar-se, junto com Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, ao Partido Socialdemocrata Independente (USPD), criado em janeiro de 1917 por antigos militantes da socialdemocracia contrários à guerra, alguns dos quais logo regressariam às fileiras de seu partido anterior. Mas Zetkin, que havia abraçado com entusiasmo a Revolução Russa de outubro, filiou-se ao Partido Comunista Alemão (Kommunistische Partei Deutschlands – KPD), no qual, depois dos assassinatos de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, foi-lhe concedido um lugar de honra, por ser a líder socialista mais importante do período anterior à guerra. Foi membro do Comitê Central, de 1919 a 1923 e, novamente, em 1927. E ocupou uma cadeira no parlamento (*Reichstag*) como deputada do Partido Comunista Alemão, ininterruptamente, desde a primeira até a última sessão da República de Weimar.³⁹

Clara Zetkin foi companheira de partido de Rosa Luxemburgo⁴⁰ e Karl Liebknecht no Partido Comunista Alemão (KPD). Faleceu em 22 de junho de 1933, na então União Soviética.

Nadezhda Kruspskaia (1869-1939), publicou em 1900 a obra “*A Mulher Trabalhadora*”. Essa publicação inspirada na obra de Bebel, analisava a vida das mulheres russas com base na perspectiva marxista e apontava o socialismo como meio de libertação da mulher e de toda a classe operária. No período em que a obra foi escrita, a grande maioria das mulheres russas era analfabeta, também eram proibidas de exercer qualquer tipo de atividade política, o divórcio era quase impossível de ser conquistado, as mulheres não tinham direito a propriedade e elas próprias eram consideradas “bens” que pertenciam aos homens da família. Dessa forma a obra de Kruspskaia causou um forte impacto sobre a sociedade russa⁴¹.

Essa obra alcançou uma grande difusão na Rússia – foi inclusive distribuída clandestinamente durante alguns anos – porque era a primeira no país que tratava, de um ponto de vista marxista, da questão da mulher, que até então não havia sido estudada com muito interesse pelo Partido Social-democrata Russo. Neste mesmo ano, a publicação do partido, *Iskra* [*Centelha*], começou a publicar artigos sobre as

³⁸ GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. *As Origens e a Comemoração do Dia Internacional das Mulheres*. Traduzido do espanhol. 1ª edição: março de 2010. EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA- SÃO PAULO. 208p. p.67-68.

³⁹ *Ibid.*, p.69.

⁴⁰ Rosa Luxemburgo (1871-1919) foi uma militante polaco-alemã que se tornou mundialmente conhecida pela militância revolucionária ligada à Socialdemocracia da Polônia (SDKP), ao Partido Socialdemocrata da Alemanha (SPD) e ao Partido Socialdemocrata Independente da Alemanha (USPD). Participou da fundação do grupo SPD, que viria a se tornar mais tarde o Partido Comunista da Alemanha (KPD). Acreditava que as mulheres só alcançariam a libertação através da revolução social, mas nunca deixou de exigir tratamento igualitário em todos os campos em que atuou. Sua personalidade emancipada atraí até os dias de hoje o interesse de feministas de todo o mundo.

⁴¹ BUONICORE, Augusto César. “As Mulheres e a Luta socialista.” IN:MACIEL, David. (org.). **Revolução Russa: Processos, personagens e influências**. Goiás. Centro Popular de Estudos Contemporâneos, 2007. p.06.

condições das operárias, para conscientizar as mulheres da necessidade de participar da luta política e modificar essa realidade⁴².

Alexandra Kollontai (1872-1952) conhecida apoiadora de Lênin e importante militante do movimento proletário russo, era responsável pela organização do trabalho do partido bolchevique entre as mulheres trabalhadoras. Apesar de pertencer a uma família abastada, Kollontai dedicou sua vida a luta pela emancipação das mulheres pobres e proletárias da Rússia. Acreditava que o socialismo era o único meio para a libertação das mulheres, e via o movimento feminista como burguês e pouco interessado nas causas das mulheres pobres, sobretudo das operárias.

Kollontai participou ativamente das atividades revolucionárias do ano de 1905, mas apesar do movimento feminista russo existir desde meados de 1860, pouco foi conquistado para as mulheres durante a revolução de 1905⁴³. Na verdade, Kollontai buscava reunir as mulheres russas sob a organização socialista. Como militante, tentou criar, sem sucesso, dentro do Partido Socialdemocrata Russo, um grupo especial dedicado às questões femininas⁴⁴. Como intelectual acreditava que o surgimento de uma nova sociedade, acarretaria o surgimento de uma nova moral e de uma nova mulher, que extirparia de vez os restos da velha e corrompida moral burguesa⁴⁵. Fato que só aconteceria após a vitória do socialismo.

Além das suas atividades de organização entre as trabalhadoras, em 1908 publicou sua obra *As bases sociais da questão da mulher*. Nela apresentava uma história das mulheres na Rússia e no Ocidente de uma perspectiva marxista, criticava a família moderna e atacava as feministas por serem incapazes de entender os problemas das trabalhadoras e dar-lhes uma solução. Entretanto, não explicava como fora possível que ocorressem casos como o dela, que, tendo nascido no seio de uma família de classe alta, se converteu em revolucionária, o que custara a crítica das mulheres de sua classe, que a acusavam de tê-las traído.⁴⁶

Apesar de criticar o feminismo burguês, Kollontai reconhece que algumas lutas das mulheres proletárias coincidem com as do movimento feminista, como a luta pelo sufrágio das mulheres, pelo direito ao trabalho e pela igualdade salarial, por isso decide participar, no ano de 1908, com um grupo de mulheres comunistas, do 1º Congresso de Mulheres de Toda a Rússia. Esse congresso foi convocado pelas feministas daquele país e a participação de

⁴² GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. *As Origens e a Comemoração do Dia Internacional das Mulheres*. Traduzido do espanhol. 1ª edição: março de 2010. EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA- SÃO PAULO. 208p. p.121.

⁴³ *Ibid.*, p.125.

⁴⁴ *Ibid.*, p.123.

⁴⁵ ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986. p.43.

⁴⁶ ALAMBERT, op. Cit., p.125.

Kollonati e das comunistas se deu contra as indicações do partido, que durante esse período temia uma aproximação com o movimento feminista por temer rupturas internas⁴⁷.

Durante a Revolução Russa, Kollontai desempenhou papel de destaque. Ao lado de Lênin, com quem desenvolveu uma longa parceria, protagonizou um dos eventos mais importantes do século XX. Seus discursos inflamavam as massas trabalhadoras a lutar pela Revolução. Após a vitória bolchevique, Kollontai assume o posto de Comissária do Povo Para o Bem-Estar Social. Esse era um dos cargos de maior prestígio entre os soviéticos e era a primeira vez que uma mulher exercia um cargo político de tamanha importância, é necessário salientar que na maioria dos países europeus, a mulher se quer tinha direito ao voto, conquistado na Inglaterra apenas depois da 1ª Guerra Mundial e na França, apenas em 1945.

Em 1918 o Comitê Executivo Central do Soviète (VTsIK), aprovou um Código do Casamento, da Família e da Tutela. Kollontai foi uma das entusiastas desse Código, apesar de considerar que ele em breve estaria obsoleto, pois com a vitória socialista em breve a família seria abolida, dando lugar a novas relações baseadas no afeto e na igualdade. Nessa nova sociedade o papel do Estado seria central. Seria ele o responsável pela tarefa de criar e sustentar os filhos, e também responsável pelo trabalho doméstico, dessa forma as mulheres estariam livres para exercer atividades produtivas e participar ativamente da construção da sociedade socialista. Kollontai foi responsável pela vitória feminina em diversas batalhas pela igualdade. Lutou pela legalização do aborto e pelo direito feminino ao divórcio⁴⁸. Recentemente assistimos em nosso país, um grupo de deputados (todos homens) determinarem que o direito ao aborto deve ser restringido mesmo em casos de estupro⁴⁹. Kollontai debateu o direito da mulher sobre o uso de seu corpo no início do século passado.

Em sua “*Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada*”, publicada no ano de 1926, dentre outros assuntos, Kollontai narra as dificuldades que sua personalidade livre e revolucionária enfrentava em uma sociedade ainda marcada pelo conservadorismo religioso, esse fato não a impossibilitou de cravar seu nome na história, tanto como revolucionária, como feminista e também importante representante política da União Soviética,

⁴⁷ RIBEIRO, Maria Rosa Dória. As Comunistas e o Feminismo. **Perseu**. São Paulo: n°9, p.117-143, ano 7, 2013. p.121.

⁴⁸ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936**/. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Anyalossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014p.57.

⁴⁹Disponível em http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/09/18-homens-deram-o-1o-passo-para-restringer-aborto-ate-em-caso-de-estupro-no-brasil_a_23271261/ Acessado em: 07 de dez de 2017.

chegando até mesmo a atuar como embaixadora⁵⁰. Em um trecho de sua autobiografia, Kollontai, já com mais de cinquenta anos, avalia sua própria trajetória enquanto mulher e comunista e se felicita, por segundo ela ter sido,

“bem-sucedida em estruturar minha vida de acordo com meus próprios padrões e não faço mais segredo das minhas experiências amorosas do que um homem faz das suas. Mas, acima de qualquer outra coisa, eu nunca deixei meus sentimentos, a alegria ou a dor do amor, tomarem o primeiro lugar em minha vida, ao passo que criatividade, ação e luta sempre ocuparam o primeiro plano”.⁵¹

Kollontai morreu em 1952, com 79 anos, na cidade russa de Moscou.

1.4 CONTRIBUIÇÕES SOVIÉTICAS

Logo após a Revolução, no ano de 1918, os bolcheviques criam um Código do Casamento, da Família e da Tutela. Esse código representava a visão bolchevique “das relações sociais, baseada na igualdade das mulheres e no “definhamento” (*otmiranie*) da família”.⁵²

Esse Código era o mais avançado já elaborado sobre as questões familiares e sobre os direitos das mulheres. O autor, Alexander Goikhbarg, acreditava que o código representaria apenas uma transição para um período onde a família deixaria de existir completamente. Com a completa instauração do socialismo, a sociedade seria completamente transformada e a mulher passaria a exercer um novo papel social e político. Os bolcheviques e o próprio Lênin, foram influenciados pelos escritos de Marx e Engels, que viam a situação de opressão da mulher como insustentável durante o socialismo.

Somente sob o socialismo as mulheres estariam livres para ingressar na esfera pública. A implantação de lavanderias, creches comunitárias e refeitórios, possibilitaria a liberdade que a mulher tanto necessitava para ingressar na esfera pública em condições de igualdade com os homens. Também teriam acesso à educação de qualidade e receberiam salários iguais aos dos homens, dessa forma realizariam seus objetivos pessoais e se tornariam independentes. Todos esses fatores acabariam por tornar o casamento supérfluo, pois as uniões baseadas na dependência econômica dariam lugar a uniões livres. “A família, arrancada de suas funções

⁵⁰ GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. As Origens e a Comemoração do Dia Internacional das Mulheres. Traduzido do espanhol. 1ª edição: março de 2010. EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA- SÃO PAULO. 208p. p.121.

⁵¹ KOLLONTAI, Alexandra. Autobiografia de uma mulher emancipada. São Paulo: Proposta Editorial, 1980. p.71.

⁵² GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936/**. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014p.57.

sociais prévias, definharia gradualmente, deixando em seu lugar indivíduos completamente autônomos e iguais, livres para escolher seus parceiros com base no amor e no respeito mútuos.”⁵³

Os bolcheviques se mostravam muito entusiasmados com as transformações que deslumbravam. O próprio Lênin (1870-1924) dedicou diversos discursos e escritos sobre a questão da mulher e da socialização do trabalho doméstico na nova sociedade socialista. Porém quando a questão era a livre sexualidade de homens e mulheres o líder bolchevique se tornava mais conservador “ressaltava as consequências sociais das relações sexuais, embora se sentisse profundamente desconfortável com especulações sobre sexualidade em geral, e considerava tais preocupações digressões improdutivas e inúteis.”⁵⁴ Segundo Lênin, a livre sexualidade, numa sociedade em que as mulheres ainda não dispunham de meios de contracepção eficazes e que o Estado ainda não se encontrava com capacidade de assumir a criação dos filhos das classes mais pobres, representava um problema ainda sem solução. As leis representavam um primeiro meio de transformação da situação das mulheres, mas certamente não era o único. É importante salientar, que até então a Rússia era um país agrário e religioso, sua sociedade era conservadora e muitos ainda viam a mulher como um ser inferior, mudar as arcaicas leis familiares era só mais um passo na luta pela igualdade das mulheres.

Em 1919 foi criado o Departamento da Mulher do Partido Comunista, o *Zhenotdel*, como ficou conhecido. Era dirigido até o ano de 1920 pela comunista francesa Inessa Armand. Após sua morte em 1920, a direção foi assumida por Alexandra Kollontai, que ficou à frente do departamento até 1922, quando foi enviada para uma missão diplomática na Noruega. O *Zhenotdel* tinha como principal papel organizar a luta das mulheres em prol de uma melhor qualidade de vida e igualdade política e social, “promoveu a fundação de instituições para o cuidado das crianças, a criação de orfanatos, supervisionava a distribuição de alimentos, o funcionamento das escolas, da saúde pública etc.”⁵⁵. A principal forma de divulgação do *Zhenotdel* era através de periódicos e revistas e com reuniões nas fábricas, onde as mulheres eram instigadas a participar do movimento comunista.

⁵³ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936/**. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Anyglossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014 p.21.

⁵⁴ *Ibid.*, p.27.

⁵⁵ GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. *As Origens e a Comemoração do Dia Internacional das Mulheres*. Traduzido do espanhol. 1ª edição: março de 2010. EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA- SÃO PAULO. 208p.

Ainda no ano de 1920 é criada a Internacional da Mulher. Esse órgão era uma ramificação da Internacional Comunista. O objetivo era organizar as mulheres socialistas dentro de uma agenda revolucionária na qual a mulher fosse inserida, não como coadjuvante, mas lado a lado com os homens em esforços revolucionários. As ações da Internacional da Mulher eram coordenadas pelo Secretariado Internacional das Mulheres Comunistas. Este órgão estava presente em diversos países onde os comunistas se organizavam com base nas diretrizes da Internacional comunista. Nomes femininos de peso do comunismo internacional foram responsáveis pela criação do órgão como Clara Zetkin, Nadezhda Krupskaya e Alexandra Kollontai.⁵⁶

Entre os dias 30 de julho e 02 de agosto de 1920 foi realizada em Moscou a Conferência Internacional de mulheres comunistas. Essa conferência ocorreu concomitante ao Segundo Congresso Mundial do Comintern e tinha como objetivo inserir a mulher nos eventos políticos e na militância do partido comunista. No 4º Congresso Mundial do Comintern, Clara Zetkin representou a Secretaria Internacional de Mulheres e alertou para o fato de alguns países não desenvolverem trabalhos voltados para as mulheres apesar das diretrizes do Comintern.⁵⁷

A Internacional das Mulheres possuía uma revista bimestral chamada *Die Kommunistische Fraueninternationale*. Essa publicação era responsável por divulgar a situação das mulheres comunistas pelo mundo e foi publicada de 1921 a 1925 ano em que o Comintern decide reorganizar a seção feminina e extinguir a publicação por questões financeiras. A partir de então a seção feminina acaba perdendo parte de sua autonomia e aparece ainda mais subordinada aos interesses dos dirigentes do Comintern. No ano de 1926 a sede do órgão retorna a Moscou, após alguns anos de funcionamento da sede em Berlim, na Alemanha. Em 1930 a Internacional das Mulheres foi definitivamente dissolvida, bem como a seção feminina do partido comunista russo (*Zhenotdel*).⁵⁸

A dissolução da Internacional das Mulheres e do *Zhenotdel* representou uma guinada na visão soviética sobre as questões relacionadas a mulher e a família. Apesar do departamento se encontrar em dificuldades por falta de investimentos desde meados dos anos 1920, ele ainda representava um importante meio de ação organizada pelas mulheres. A verdade é que a União Soviética passava por uma inversão da visão de família e do próprio papel do Estado. “Ao

⁵⁶ Ibid., p.133-36.

⁵⁷ https://en.wikipedia.org/wiki/Communist_Women%27s_International Acessado em: 29/10/2017

⁵⁸ GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. *As Origens e a Comemoração do Dia Internacional das Mulheres. Traduzido do espanhol*. 1ª edição: março de 2010. EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA- SÃO PAULO. 208p.

chegar o ano de 1936, os jornais pregavam o apoio a uma família socialista forte, a códigos legais elaborados e a um Estado poderoso.”⁵⁹

Entre os anos de 1936 e 1939 muitos dos colaboradores do Código de 1918 e de seus posteriores desdobramentos entre 1925 e 1926, acabaram presos em instituições psiquiátricas ou foram assassinados.

A política stalinista em relação à família foi um híbrido grotesco: enraizada na visão socialista original, esfaimada pela terra esgotada de pobreza e finalmente deformada pela crescente confiança do Estado na repressão[...] Apesar da ênfase na família forte e estável, o Partido continuou entusiasmando a mulher a ingressar na força de trabalho e, além disso, seguia disfarçando suas apelações com a velha retórica da libertação feminina. Os funcionários seguiam políticas agressivas no sentido de capacitar, promover e educar as mulheres, todas elas antitéticas ao fascismo.⁶⁰

Muitas das vitórias conquistadas pelas mulheres soviéticas durante os anos de 1920 foram perdidas progressivamente nas décadas posteriores, e a ideia de família ao estilo burguês foi recuperada e reforçada repressivamente entre a população. A reversão ideológica também representou um retrocesso para as mulheres em todo o mundo e poucos partidos comunistas continuaram a pensar as especificidades da questão feminina.

Segundo Saffioti a teoria socialista ao tentar derivar os fatores que envolvem a condição feminina exclusivamente dos fatores econômicos, perde a possibilidade de perceber plenamente a singularidade da condição feminina.⁶¹

A emancipação feminina é, pois, problema complexo cuja solução não apresenta apenas uma dimensão econômica. Mesmo a mulher economicamente independente sofre, na sua condição de mulher, o impacto de certas injunções nacionais e internacionais. Desde o desenvolvimento da indústria farmacêutica até as ideologias, tudo reflete na condição feminina.⁶²

1.5 AS SOCIALISTAS DO BRASIL

No Brasil as ideias socialistas ganham força no fim do século XIX. Com a implantação da República e o fim do regime escravista, finalmente o trabalho assalariado passou a ser amplamente implantado no país. O incipiente movimento operário brasileiro, que já dava seus primeiros passos desde os tempos da escravidão e da luta pela abolição, passou a se organizar

⁵⁹ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936/**. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Angylossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014 p.389.

⁶⁰Ibid.,394.

⁶¹SAFFIOTI, Heleieth. A Questão da Mulher na Perspectiva Socialista. In: Lutas Sociais, São Paulo, n.27, p.82-100, 2o sem. 2011.p. 82.

⁶² Ibid., p.96.

e a lutar pelos direitos da classe trabalhadora, segundo um viés socialista. Em um primeiro momento o que se buscava era o direito a uma maior participação política do proletariado. Inspirados nos grandes partidos socialistas europeus, os dirigentes da nascente classe operária brasileira acreditavam que a instituição de partidos operários seria o melhor meio de lutar pelos direitos da classe trabalhadora, eles também exigiam o direito ao voto, que naquele momento era permitido somente uma pequena parte da população masculina.⁶³

Em um segundo momento, durante as duas primeiras décadas do século XX, os ideais anarquistas predominam entre o operariado brasileiro. Nesse período, a luta pelo voto e pela organização de partidos operários, perde a força e as greves se multiplicam como meio eficaz na luta pela conquista de direitos da classe operária.

Durante esse período, grande parte do operariado brasileiro era constituído por mulheres e crianças, na indústria têxtil os postos de trabalho ocupados por esses grupos representavam mais da metade. Ainda assim, as mulheres eram submetidas a horas extenuantes de trabalho, em jornadas que chegavam a 14 horas diárias, exercendo atividades menos especializadas e mal pagas, enquanto os cargos de chefia e de confiança eram exercidos pelos homens. Os periódicos da classe operária frequentemente denunciavam os abusos sofridos pelas mulheres trabalhadoras, inclusive os casos de assédio sexual a que estavam constantemente submetidas.⁶⁴

Muitos pesquisadores do período também chamam a atenção para a imagem que era construída na sociedade brasileira a respeito da mulher trabalhadora. As mulheres que precisavam deixar seus lares para ganhar a vida, muitas vezes eram vistas como mulheres desonradas e sem moralidade, destruidoras de lares e da família. Somente o retorno da mulher ao seu posto no lar, impediria a completa degeneração da mulher e da família. Médicos, higienistas, intelectuais, autoridades da época, e mesmo os socialistas e anarquistas passaram a pregar um discurso de valorização da maternidade e da figura da mulher como uma verdadeira “rainha do lar”.⁶⁵

Entre os grupos anarquistas e socialistas do começo do século passado, as mulheres operárias começaram, ainda que timidamente, a desenvolver suas primeiras atividades políticas e revolucionárias, elas acreditavam que a emancipação da mulher se daria por meio de uma

⁶³ PASSOS, Daniela Oliveira R. O início das ideias socialista no Brasil. **Cadernos Cemarx**, n°5, p. 115-127, 2009. p.117.

⁶⁴ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, 678p.

⁶⁵ Ibid., p.593.

revolução social onde a sociedade seria completamente transformada.⁶⁶ Nesse caso, a emancipação feminina, aparecia de maneira secundária, a luta de classes era o ator principal na luta tanto de anarquistas, quanto de socialistas, porém essas mulheres percebiam a situação da mulher como ainda mais grave, pois eram duplamente oprimidas. Elas denunciavam o patriarcado e a discriminação que sofriam mesmo entre os grupos considerados “libertários”.

As anarquistas e socialistas procuraram organizar as trabalhadoras, nas primeiras décadas do século, convocando-as para as assembleias sindicais ou para discutir os problemas femininos dentro dos sindicatos e comitês a que pertenciam. Desde o começo da industrialização elas escreveram inúmeros artigos na imprensa operária, apontando os problemas enfrentados pelas trabalhadoras na produção e na vida social, as péssimas condições de trabalho e de higiene nas fabricas ou nas habitações coletivas e a inexistência de direitos sociais e políticos para as mulheres.⁶⁷

Já o movimento feminista da época era considerado por muitas trabalhadoras como elitizado e pouco interessado nos problemas reais das mulheres pobres. “Nos periódicos femininos, as feministas se diziam responsáveis pelo futuro das trabalhadoras pobres, mas pouco falavam a respeito do modo como pretendiam encaminhar, essa filantropia”⁶⁸. Na verdade, as feministas não tinham uma boa imagem das trabalhadoras, como já abordado, durante o período é criado um discurso muito negativo a respeito do comportamento moral das mulheres trabalhadoras. Dessa forma pouco as operárias poderiam esperar de um movimento burguês, alheio a realidade da mulher brasileira.

Em 1922 sob o impacto da Revolução Russa e da vitória bolchevique é criado o Partido Comunista do Brasil (PCB). O país passava por uma crise na produção do café, até então principal produto de exportação, essa situação agravava ainda mais os problemas sociais e jogava na miséria grande massa de trabalhadores. O recém-criado partido buscava agregar em seus quadros os trabalhadores insatisfeitos com as condições sociais do país, que passava por uma crise econômica e por profundas desigualdades sociais. O momento era de tensões não só no Brasil, mas em todo o mundo. A vitória bolchevique representava transformações não apenas políticas ou econômicas, mas transformações sociais, que mudariam de maneira radical a forma como entendemos os conflitos de classes e a posição das populações subalternas frente os acontecimentos políticos.

É importante ressaltar que durante o período estudado, o PCB se encontrava numa fase de tensão e ruptura interna. Esse período também é de preparação de ações revolucionárias

⁶⁶ Ibid., p.594.

⁶⁷ Ibid., p.595.

⁶⁸ Ibid., p.591.

contra o governo de Vargas. É neste clima de tensões que as mulheres são inseridas no partido, ainda que de maneira tímida, e muitas vezes para acompanhar seus companheiros, as mulheres começam a se envolver na militância comunista.

Com um espírito pragmático, elas atuavam na vida pública e na política brasileira de maneira aguerrida e desprezada. Sem dúvida, muito contribuíram para ampliar os horizontes de inúmeras mulheres, tirando-as de seu confinamento doméstico. A atuação daquelas militantes efetivamente contribuiu para aumentar o espectro de mulheres das camadas médias e populares sensíveis e atentas aos acontecimentos políticos. Sua ação política, independentemente do reconhecimento que obtiveram do seu partido, e de elas próprias terem desenvolvido maior capacidade de análise, fez com que aumentasse a quantidade de mulheres participantes da vida pública, por meio da política.⁶⁹

A inserção das mulheres no PCB não se deu de maneira igualitária. Infelizmente, entre a maioria masculina do partido, a imagem da mulher ainda era construída por um olhar e discurso muito machista e patriarcal, as mulheres não exerciam papéis de direção e eram tratadas muitas vezes como frágeis e débeis, vista por alguns, como um risco para as ações do partido. Esse fato, porém, não impedia que as mulheres comunistas sofressem na pele as perseguições políticas a que estavam submetidos os homens do partido. Muitas foram presas e exiladas, tendo suas vidas dilaceradas por sua atuação militante.⁷⁰

1.6 CONCLUSÕES

É inegável que os pensadores e pensadoras da teoria socialista sempre demonstraram interesse pela questão da mulher. Como vimos, desde os primórdios do pensamento socialista a questão da emancipação feminina já suscitava acalorados debates entre os socialistas. Os percussores do socialismo acreditavam que a sociedade só seria plenamente desenvolvida quando homens e mulheres tivessem os mesmos direitos, fato que somente se daria pela destruição do capitalismo e implementação da sociedade socialista. Marx e Engels seguem, basicamente, a mesma linha de raciocínio dos utópicos, creditando ao fim do capitalismo e a implementação do socialismo, o fim da opressão sofrida pelas mulheres, nesse contexto, o problema da mulher não aparece de forma isolada, mas dentro de um contexto maior que envolve toda a sociedade e só será solucionado quando todos os campos da vida social e econômica forem revolucionados. Dessa forma, temos a impressão que a libertação feminina

⁶⁹ RIBEIRO, Maria Rosa Dória. As Comunistas e o Feminismo. **Perseu**. São Paulo: n°9, p.117-143, ano 7, 2013. p.132.

⁷⁰ RIBEIRO, Maria Rosa Dória. **Relações de poder no feminismo paulista – 1975 a 1981**. -2011- 337p. Tese (doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.337p.

ainda está muito distante. Se a libertação aparece condicionada a uma radical revolução, pouco é feito na prática para a solução de questões que provocam a inferiorização da mulher diariamente.⁷¹

Apesar das críticas que Marx e Engels receberam e recebem até os dias de hoje, não podemos negar as contribuições que ambos prestaram a causa feminista. Mesmo sem jamais ter dedicado nenhuma obra completa ao tema, ambos perceberam logo a complexidade da questão da luta emancipatória feminina. Não podemos esquecer o contexto histórico que marca o período em estão inseridos, marcado por um pensamento machista e patriarcal. Porém, hoje percebemos que a condição de inferiorização da mulher não se restringe somente a fatores econômicos. Derivar da propriedade privada a causa exclusiva da opressão a que estão submetidas as mulheres, de todas as classes sociais, é simplificar demais o problema.⁷²

A independência financeira da mulher, infelizmente, não possibilita sua total emancipação social, diversos fatores atuam para que mesmo aquela mulher bem-sucedida em sua profissão ainda se encontre prisioneira da sociedade em vários aspectos, seja na diferença salarial, no machismo institucional, ou na forma misógina em que muitas vezes as mulheres são tratadas. Existe uma mentalidade, uma cultura que naturaliza a inferioridade da mulher. Mesmo após a Revolução de Outubro, e a implementação de uma legislação progressista, as mulheres russas não conquistaram a plena igualdade com os homens, ainda que os debates da União Soviética representassem a vanguarda para a libertação da mulher.⁷³ Lênin reconhecia que a legislação era só o primeiro passo para uma plena emancipação feminina, mudar hábitos antigos e enraizados na mentalidade da população não é tarefa fácil.⁷⁴

Os construtores do socialismo sentiram de perto as dificuldades que o processo de emancipação feminina encerra. Ao lado de uma legislação igualitária para os dois sexos, tentaram criar as condições concretas para que de fato a mulher não sofresse discriminação de nenhuma ordem. Em 50 anos de socialismo, o bom êxito da URSS foi realmente grande: não, entanto, completo. No que concerne aos direitos, a mulher se coloca na mesma posição que o homem. Seus deveres, porém, são inegavelmente mais numerosos.⁷⁵

⁷¹ SAFFIOTI, Heleieth. A Questão da Mulher na Perspectiva Socialista. In: Lutas Sociais, São Paulo, n.27, p.82-100, 2o sem. 2011. p.85.

⁷² Ibid., p.87.

⁷³ GOLDMAN, Wendy Z. Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936/. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Anyglossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014.

⁷⁴ ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.

⁷⁵ SAFFIOTI, Heleieth. A Questão da Mulher na Perspectiva Socialista. In: Lutas Sociais, São Paulo, n.27, p.82-100, 2o sem. 2011.p. 97.

A partir dos anos de 1930 a União Soviética passa por algumas regressões no tocante ao socialismo e a condição da mulher, com a proibição do aborto e a valorização da figura da mulher enquanto mãe e geradora de vida, alguns direitos até então assegurados, foram perdidos. A política implementada por Stalin incentivava o fortalecimento da família e o revigoramento do papel social da mulher, enquanto mãe e dona de casa. Contudo as mulheres ainda podiam trabalhar e estudar. “No final da Segunda Guerra Mundial o Estado soviético ainda criaria condecorações para as mulheres que tivessem mais filhos: a de ‘Glória maternal’ para aquelas que tivessem entre sete e nove filhos e a de ‘Mãe heroica’ para aquelas com dez ou mais filhos.”⁷⁶

Apesar das contribuições positivas e da “dimensão de crítica radical ao pensamento conservador”⁷⁷ a teoria socialista, sozinha, não consegue esgotar todas as possibilidades acerca da emancipação da mulher. É necessário pensar a opressão feminina com todas as suas especificidades, enxergar a mulher fora das instituições, da família e do mercado de trabalho, vê-la como um indivíduo histórico, que é capaz de forjar os meios de sua própria libertação.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.

BUONICORE, Augusto César. “As Mulheres e a Luta socialista.” IN:MACIEL, David. (org.). **Revolução Russa: Processos, personagens e influências**. Goiás. Centro Popular de Estudos Contemporâneos, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado** (1884).

GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936/**. Tradução Natalia Anyalossy Alfonso, com colaboração de Daniel Anyalossy Alfonso e Marie Christine Aguirre Castañeda. -1. ed.-São Paulo: Boitempo Iskra Edições.2014

⁷⁶BUONICORE, Augusto César. “As Mulheres e a Luta socialista.” IN:MACIEL, David. (org.). **Revolução Russa: Processos, personagens e influências**. Goiás. Centro Popular de Estudos Contemporâneos, 2007. p.14.

⁷⁷ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n.11,2000, p.89-97.

- HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HIRATA, Helena... [et al.] (orgs). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- HOBSBAWM, E. J. **Sobre história: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- KOLLONTAI, Alexandra. **Autobiografia de uma mulher emancipada**. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MITCHEL, Juliet. Mulheres: a revolução mais longa. **Revista Gênero**. Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 203-232, 1. - 2. sem. 2006
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. **Crítica Marxista**, São Paulo, Boitempo, v.1, n.11,2000.
- PASSOS, Daniela Oliveira R. O início das ideias socialista no Brasil. **Cadernos Cemarx**, nº5, p. 115-127, 2009.
- PENNA, Mariana Affonso. O Anarquismo e a questão das mulheres. In: **Revista Espaço Acadêmico**-n.196-Set/2017. p.14-27-mensal-ano XVII
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- _____. **História das mulheres** [tradução Ângela M. S. Côrrea]. — São Paulo: Contexto, 2007.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.
- RIBEIRO, Maria Rosa Dória. **Relações de poder no feminismo paulista – 1975 a 1981**. - 2011- 337p. Tese (doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classe: Mito e realidade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1976.

